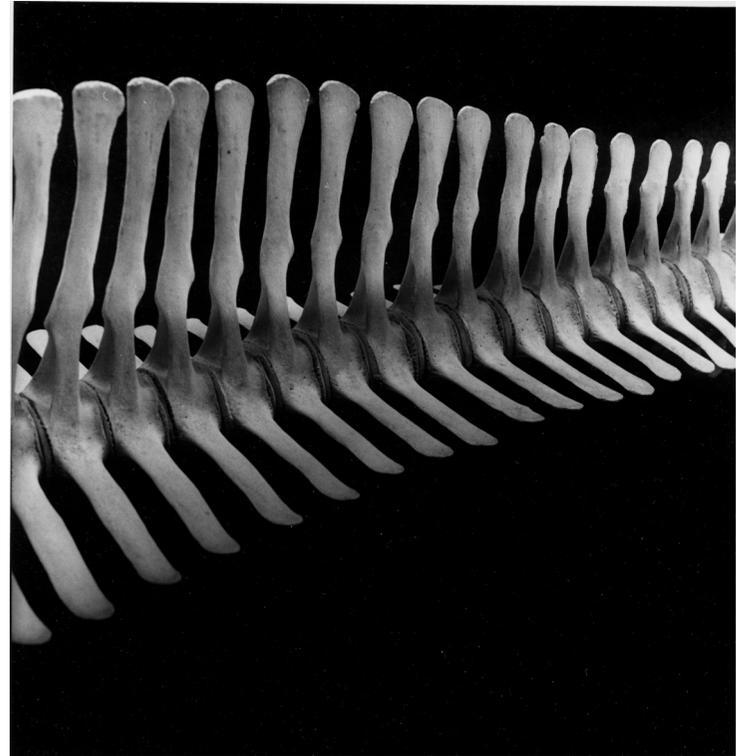




ESCOLHER PENSAR

As fotografias de Daniel Costa (1973-2000) apresentadas aqui constituem parte de um conjunto que ele próprio concebeu como alternância de duas séries – a de fotografias de nuvens e a de coisas de pequenas dimensões. Ambas as séries possuem de imediato características muito marcadas que as colocam em diálogo ou confronto. À indeterminação das primeiras contrapõem-se a nitidez e o rigor da delimitação das segundas. As nuvens estão acima da superfície terrestre, entre esta e o espaço infinito. Constituem uma espécie de cortina móvel diante do enigma. A mobilidade é nelas um elemento fundamental. É porque o movimento visível faz parte do seu ser que as nuvens mudam continuamente de forma perante ao nosso olhar. Por muitas explicações científicas que tenhamos dos fenômenos atmosféricos, elas continuarão sempre a ser vistas, imaginadas, como efeitos de forças que escapam ao nosso controle. A contemplação da forma instável de uma nuvem provoca em nós o sentimento do sublime, pois sentimos que do seu próprio interior o seu limite se transforma e que, por conseguinte, uma nuvem nunca está ali disponível para o nosso olhar. Damos um nome a esse operador de sublimidade: vento. Então, notamos que uma força que pode causar desastres terríveis é vital na natureza, onde tudo se move e se relaciona sem que alguma vez possamos compreender esse Tudo, de que fazemos parte.



Já repararam que muitas vezes junto às falésias da orla marítima as gaivotas passam deslizando na brisa sem mexer as asas? Há uma explicação simples para esse fenômeno. Não há é explicação para o Tudo, que é relação. Por isso, qualquer explicação num dado momento pode falhar. Ou seja, as nuvens, na sua condição mutável, lembram-nos que o mundo é um permanente fazer e desfazer de formas, de sentidos, animado pelo enigma a que podemos chamar energia criadora, e que somos livres de sondar, de longe, como às feras que não pretendemos domesticar.

O enigma não tem explicação. Mas faz parte das aspirações mais elevadas do homem o propor enigmas que o celebrem. A arte radica aí. Como manifestação artística, a fotografia debate-se com o problema da proximidade. O que está ao alcance da objetiva, como o que está ao alcance da mão ou do discurso, pode aparecer como “o-que-está-diante-de-nós”, o objeto, por definição. Ora, tal como o poeta se serve de palavras para aceder à dimensão não objetiva das coisas, assim o fotógrafo se serve das propriedades da luz e dos dispositivos técnicos que utiliza para produzir o seu apelo ao que lá não está, mas é, na distância – a



energia que dá às coisas a sua presença não presente.

Tudo o que nos toca, toca-nos por essa presença que confere a cada coisa uma reserva que a torna inapropriável. Ela é a única em cada momento, porque único é o seu potencial para fazer parte de um tecido precário e frágil aos nossos olhos, mas ao qual podemos supor a consistência do que inexoravelmente se transforma por ação de apelos, choques, correntes, que desde o ponto mais distante chegam até ali e garantem o milagre da diversidade das formas.

A alternância entre fotografias de nuvens, em que as dimensões e gradações de tons desafiam a nossa capacidade de dar forma estável, e fotografias de pequenas coisas que se destacam através do contraste nítido tem como efeito principal o despertar de um sentido da escala, e, por conseguinte, uma ruptura da linearidade da visão. De cada vez esta se tem de adaptar, passando de um tipo de percepção que se dá, quer como recordar dos limites do mensurável, quer como atualização de todas as memórias do céu que constituem a nossa cultura, para um tipo de percepção mais desmunida em que à partida se percebe algo que nos remete para o mundo das pequenas coisas, aquelas de que não reza a história



porque se supõe definitivamente conquistadas para o mundo sem sobressaltos do cotidiano. A mudança obriga-nos a parar e a sentir que afinal nem tudo está ganho. É esse o júbilo que decorre da nossa atenção: as nuvens continuam enigmáticas ao exibirem as múltiplas maneiras de se enlaçarem na luz; as pequenas coisas não são bem as pequenas coisas, mas aquelas pequenas coisas a que o negro confere uma densidade desconhecida. Nada está ali para nos captar ou desfazer, mas como apelo na distância, como possibilidade de uma comunicação a que alguns chamam amor, a força que "move o sol e os outros astros". Comunicação de desconhecido a desconhecido.

Todas as coisas na natureza diferem quanto à sua maneira de ser no tempo. Há as que possuem uma estabilidade que as retira do círculo das metamorfoses quotidianamente observáveis – as que pertencem ao reino mineral; as que têm uma vida muito breve – uma flor, uma planta arrancada à terra. A fotografia, como fixação de instantes, dá-nos imagens onde as diferentes velocidades de transformação estão suspensas. Uma pedra ou uma flor possuem aí o mesmo grau de imortalidade. É sobre essa capacidade de persistir como



condição fundamental de tudo o que é, que cada coisa pode ser a alegria de um tempo próprio, incomparável – pode ser apenas a intensidade do seu fulgor. Isso nos pede uma atenção à variabilidade das formas e das memórias nela inscritas. Podemos ver que há fotos em que predominam as massas sólidas, enquanto noutras encontramos linhas frágeis que, sem deixarem de ser nítidas, assinalam um contato com o desaparecimento, uma despedida. A morte e a vida surgem onipresentes e indissociáveis. Em várias fotos, os indícios da morte são as provas da vida, os vestígios deixados por um corpo. É o caso dos búzios, que se impõem como formas perfeitas, mas que, todavia, sabemos terem sido originados na relação com um corpo.

Do mesmo modo, os orifícios cavados em algumas pedras assinalam uma matéria viva que elas absorveram ao formar-se. A ausência é aí memória inscrita – não é o nada, é o que forçou a forma, é a marca de uma força. Já noutras fotos são os próprios restos dos corpos que nos aparecem como estruturas ocultas que assinalam a contigüidade com o mineral.

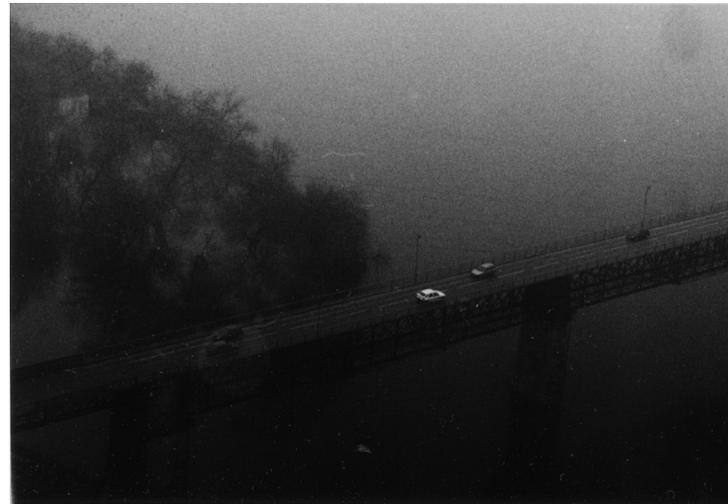
Há, assim, um permanente remeter para as memórias do vivo, através de uma contenção em



que a imagem da coisa é uma espécie de hieróglifo em que se entrelaçam a morte e a vida. Julgo que só há uma exceção a esse jogo, a qual, como tal, se pode tornar particularmente significativa – a foto dos peixes, que introduz a dimensão de turbulência da vida ao ser preenchida por formas que são signos de pujança e avidez.

As fotos aqui apresentadas não têm a pretensão de procurar nas coisas sentidos habitualmente invisíveis, mas que se renderiam à evidência perante o poder de uma objetiva. O que nos toca quando as olhamos é percebermos que nelas tudo está desarmado – a total escuridão em que tudo se recorta é a afirmação de uma expectativa e não de um destino. O sentido não está lá, como um depósito ou garantia prévia; ele não é anterior ao olhar, mas nasce do olhar. Não sentimos aqui o disparo do dispositivo técnico que persegue o flagrante. Aqui há o silêncio de quando o contar do tempo se interrompe e se propicia o gesto de onde nasce o sentido – um olhar de aproximação que respeita a distância. Esse gesto é confiança em si. Por isso mesmo é dádiva.

Silvina Rodrigues Lopes



Este número da Coleção Caderno de Leituras, feito pelo coletivo Chão da Feira, foi paginado com a fonte Verdana e em papel A4, escolhido para tornar mais simples a impressão, caso ela seja feita. O texto foi generosamente cedido por sua autora, tendo sido já publicado, em 2003, pela Revista Devires, n.1.
Lisboa, Fevereiro de 2012.

Este é o Caderno de Leituras n.3. Outras publicações estão disponíveis no site das Edições Chão da Feira – www.chaodafeira.com